A TECNOLOGIA NÃO É INEVITÁVEL: DESAFIOS ENTRE O COLONIALISMO DE DADOS E A MODULAÇÃO DA ATENÇÃO EM CONTEXTOS SOCIOTÉCNICOS CONTEMPORÂNEOS

Isaura Mourão Generoso[1]
Polyana Inácio[2]

O dossiê *Comunicação Organizacional, Tecnologias Emergentes e Sociedade: políticas e disputas na contemporaneidade* da **Revista Mediação** buscou articular conceitos da Comunicação em contextos organizacionais, as práticas e as perspectivas sobre as materialidades, as infraestruturas lógicas e físicas das tecnologias emergentes para além de abordagens empíricas e produtivas sobre tal realidade, e com o intuito de promover uma leitura interdisciplinar, crítica e analítica dos cenários sociotécnicos vigentes. Ainda, buscou refletir a emergência dessas tecnologias como dispositivos de controle e de produção de subjetividades, explorando as tensões entre a automação algorítmica e a natureza humana da comunicação.

Nesse sentido, entrevistamos o doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP) e docente da Universidade Federal do ABC (UFABC), Sérgio Amadeu da Silveira.

Sérgio Amadeu é também membro do Comitê Científico Deliberativo da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCiber), integrou o Comitê Gestor da Internet no Brasil (2003-2005 e 2017-2020), coordenou o Governo Eletrônico da Prefeitura de São Paulo, criou o projeto Telecentros-SP (2001-2002) e foi também presidente do Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (2003-2005). Suas pesquisas estão concentradas em estudos acerca das implicações tecnopolíticas dos sistemas algoritmos; Inteligência Artificial e ativismo; as relações entre comunicação e tecnologia; sociedades de controle e privacidade e práticas colaborativas na Internet. Ele integra a rede de pesquisadores Tierra Común e é autor dos livros *Democracia e os códigos invisíveis: como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas* (2019); *Tudo sobre tod@s: redes digitais, privacidade e venda de dados pessoais*; *Exclusão Digital: a miséria na era da informação*; *Software Livre: a luta pela Liberdade do conhecimento*; entre outros.

1 Professora do Curso de Comunicação Social – Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Regionalidades da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas); Graduada em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Integrante dos Grupos de Pesquisa Dialorg e GCCOP. Autora do livro Comunicação Organizacional: Saber e Prática-Discursiva – Uma compreensão inspirada em Michel Foucault e coorganizadora do livro Compreendendo um campo de conhecimento: reflexões epistemológicas sobre a Comunicação Organizacional a partir de autores brasileiros. E-mail: isaura.generoso@ufv.br

2 Professora da Faculdade de Comunicação e Artes da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Doutora em Comunicação e Sociabilidade Contemporânea pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas); Graduada em Comunicação Social - Relações Públicas pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Integrante dos Grupos de Pesquisa Dialorg, Bertha e RES-T. E-mail: polyana@pucminas.br

A entrevista foi realizada via *Google Meet*, com duração de uma hora e 20 minutos, e sua transcrição feita com a ferramenta da plataforma, revisada e editada por nós.

Polyana Inácio: Nesse dossiê, enfatizamos as tecnologias emergentes e a reconfiguração das relações de poder. Hoje, a nossa sociedade passou a ser mediada pelos algoritmos e suas lógicas que, conforme você tem apontado em seus estudos, determinam a visibilidade, a importância dos temas que emergem e os discursos. A lógica dos algoritmos pauta a nossa comunicação e as nossas relações, pois somos impactados pela dataficação e, conforme você menciona, pelo colonialismo dos dados. Entendendo as organizações em perspectiva mais ampliada, incluindo a iniciativa privada, mas também movimentos da sociedade civil e organizações públicas, como você avalia esse processo na nossa sociedade, na esfera pública, na capacidade de interlocução entre as organizações e a sociedade?

Sérgio Amadeu: Todo o esforço de digitalização do século XX gerou uma série de dados e metadados concentrados em um conjunto de empresas de tecnologia que passaram a tratar os dados e, a partir deles, conseguiram extrair padrões das pessoas que estavam se comunicando digitalmente. Essa abundância de dados e metadados resgatou um tipo de sistema automatizado que já tinha uma longa trajetória, o aprendizado de máquina, a abordagem conexionista da inteligência artificial dos anos 1950. Naquela época ainda existiam muitas limitações de poder computacional e de ausência de dados para poder fazer classificações e extrair padrões. Agora, tudo isso ficou disponível, principalmente, por causa da expansão das redes digitais. Empresas como *Google* e posteriormente, a *Amazon*, o *Facebook*, tinham acesso às interações das pessoas, que ganharam um patamar muito intenso com o surgimento das chamadas redes de relacionamento social online, interações que passam a ser analisadas por essas corporações. Isso permite que elas criem soluções para dominar a atenção, para controlar e para modular a atenção dos usuários de plataformas, de redes sociais online etc.

Essa digitalização intensa caminhou para uma dataficação que, na segunda década do século XXI, se tornou o modelo de negócios de empresas e governos que passam a ser dirigidos por dados. Então, não é o digital, necessariamente, que leva à dataficação, mas ele permite que se converta todas as atividades que possam ser digitalizadas em uma torrente, em fluxos contínuos de dados. Isso é fruto do sucesso de um determinado modelo de negócio que é expandido. Ele não era inevitável, mas esse modelo de criar interfaces gratuitas de acesso a serviços ou a comunicação, de forma que as pessoas utilizem intensamente, e essa utilização vai gerando dados comportamentais que são reunidos e analisados para que se possa modular a atenção dessas pessoas. Esse é o fenômeno, talvez, mais relevante da comunicação que é a operação de modulação das atenções. Ele passa a dominar a publicidade, a venda de serviços, as interações de entretenimento.

Esse cenário do século XXI tornou o epicentro da economia completamente dataficado e fez com que as empresas que trabalham com dados adquirissem relevância e importância econômica muito grande. Os dados são o elemento crucial desse momento, seja para organizações empresariais, para governos ou para organizações sem fins lucrativos. O problema é que as organizações que não visam lucro têm mais dificuldade de atuar com os dados, porque elas não têm renda suficiente para armazená-los e, daí, tirar uma série de soluções que os dados permitem. Quem acaba se tornando muito forte são empresas privadas, e não quaisquer empresas, mas as que têm capacidade para fazer grandes investimentos em grandes estruturas computacionais de muito poder de processamento.

Isaura Mourão Generoso: Pensando nesse processo de dataficação que se dá desde o século passado e ganha força com as interações nas redes sociais, fortalecendo essas grandes empresas que têm capacidade de manuseio, armazenamento e tratamento dos dados, temos, hoje, novos enfrentamentos em razão da inteligência artificial generativa. Como você situa esses enfrentamentos nos processos de comunicação?

Sérgio Amadeu: O que se chama de inteligência artificial é, em geral, um sistema automatizado que não expressa a inteligência humana, mas funções do trabalho humano. Ele é baseado em uma linha de montagem, como dizem Matteo Pasquinelli e Vladan Joler em *O Manifesto Nooscópio: Inteligência Artificial como Instrumento de Extrativismo do Conhecimento* (2020)[3], um texto muito bom para entender esse processo. Eles apresentam esse sistema como linha de montagem, para a qual são necessários muitos dados, com algoritmos organizados numa certa arquitetura para extrair padrões e fazer classificações usando a velha e boa estatística e probabilidade, com elevadíssimo poder computacional. A partir disso, são criados modelos, *softwares* que executam tarefas. São *softwares* normais que, em vez de serem desenvolvidos diretamente por programadores, têm algoritmos que permitem o seu desenvolvimento a partir de dados. Então, isso que é chamado de inteligência artificial gera novos processos, novos textos, novas imagens a partir dos dados de treinamento, a partir do modelo construído. Por exemplo, pego todas as obras do van Gogh e algoritmos de aprendizado de imagem e extraio o padrão do van Gogh. Em seguida, digitalizo uma foto da cidade de São Paulo, coloco no modelo e peço a produção de uma nova imagem daquela cidade, como se o van Gogh a tivesse pintado. Isso não é inteligência, mas um conjunto de procedimentos que extraiu padrões a partir de probabilidades estatísticas, apreendidas no processo de aprendizado que, em geral, é a extração de padrões e classificações de uma quantidade gigantesca de dados. Quanto mais dados, maior a possibilidade de parâmetros, maior a possibilidade de ter o refinamento de um padrão.

Então, são sistemas automatizados adequados a cada função específica, à produção de textos e ao tratamento de imagens. No caso da linguagem, por exemplo, todas as palavras são convertidas em *tokens*, que são convertidos num número vetorializado. Ao fazer perguntas para gerar novos textos ou fazer afirmações, o sistema trabalha quase que como uma máquina de autocompletar. *Attention is all you need* (*Atenção é tudo que você precisa*)[4] é um texto que deu um salto para esses grandes modelos de linguagem. Eles mudam o modo de resolver o problema do texto, em vez de uma palavra encadeada linearmente ou uma após a outra, o sistema pega um *token* e esse vai se relacionar com todos os outros que o modelo treinado permite, reduzindo ou aumentando as relações por meio de um processamento altamente veloz, consumindo um poderoso poder computacional, que exige uma estrutura de *data centers* descomunal.

Para quem ainda tem a ilusão de que a chamada inteligência artificial é um *software* aplicado no seu celular, no seu *tablet*, basta se desconectar da internet para ver que nada vai acontecer, porque o sistema não roda na tua máquina, mas em um ou a vários *data centers* e é preciso estar conectado para isso. O modelo e as inferências são feitos em estruturas computacionais gigantescas. E hoje se tem cada vez mais arranjos de vários sistemas automatizados específicos.

3 Tradução livre para o Português, publicada pela Lavits: Rede Latino-Americana de Estudos sobre Vigilância, Tecnologia e Sociedade. Disponível em: <https://lavits.org/o-manifesto-nooscopio-inteligencia-artificial-como-instrumento-de-extrativismo-do-conhecimento/>. Acesso em 13 jun. 2026.

4 Tradução livre feita por Murilo Mazzotti Silvestrini, do artigo "Att*ention Is All You Need",* escrito no ano de 2017 por um grupo de oito pesquisadores que trabalhavam no Google. Disponível em: <https://medium.com/@msmurilo/tradu%C3%A7%C3%A3o-artigo-attention-is-all-you-need-2f7a4113b3be>. Acesso em 13 jun. 2026.

Pode-se traduzir um texto, criar uma imagem, mas o sistema não tem uma autonomia, ele não é um sujeito, é um sistema automatizado. Mas o mercado cria uma mística para as pessoas inclusive deixarem de entender os riscos que têm e a importância de controlar esses procedimentos automatizados. Então, o termo inteligência artificial é realmente um exagero.

Isaura Mourão Generoso: E é nesse contexto que identificamos o colonialismo de dados... Que impacto esse colonialismo de dados tem nos processos relacionais de comunicação? Como você observa essa questão?

Sérgio Amadeu: O insumo fundamental da inteligência artificial são os dados, considerados, por vários pesquisadores, como um tipo de capital. É a partir desses dados, trabalhados por algoritmos, que serão gerados novos serviços, novos textos, novas imagens e novos produtos, agindo como uma máquina, um criador de novas possibilidades de ganho. Por isso ele é considerado um capital que, por outro lado, navega como dinheiro e sem limites. O capital financeiro está completamente vinculado a esse processo atual de dataficação. Para entender o sentido desse colonialismo ou neocolonialismo de dados, podemos trazer um exemplo recente. No início de fevereiro, o secretário de Estado do governo norte-americano, Marco Rúbio, mandou um telegrama, que é um jargão da diplomacia para o que é uma ordem, dizendo que os diplomatas têm que se preparar para combater a soberania de dados.

Com isso, eles querem continuar concentrando os dados das sociedades do planeta, gerados por dispositivos em todos os lugares, para treinar nesse paradigma que a gente chama de abordagem conexionista ou de aprendizado, com muito mais precisão, a chamada inteligência artificial. Seria permitir que nossos dados fossem extraídos assim como o minério, o pau Brasil, as nossas florestas, as nossas riquezas, para nos serem vendidos depois como produtos feitos a partir desses dados, com valor agregado. Portanto, a gente paga muito mais. E isso é uma forma de colonialismo digital, conforme o pesquisador sul-africano Michael Kwet, que está dentro do império econômico e político, desse imperialismo, que se faz com *software*, *hardware* e conectividade.

Se não temos domínio do *hardware*, não dominamos o *software*, não dominamos a conectividade e não conseguimos armazenar dados. Então, esse insumo fundamental da economia digital é entregue para as grandes corporações que geram muito valor com isso. Esse é o processo em que se está submetido a um poder corporativo e nacional, em que se deixa de trabalhar tecnologia para ser apenas usuário dela. Trata-se de um novo colonialismo, um neocolonialismo feito pela tecnologia e pelos dados, que são esse elemento vital da economia informacional de hoje e da própria inteligência artificial.

Isaura Mourão Generoso: Podemos dizer então que a dependência das *big techs*, essas grandes corporações, compromete a soberania digital e a autonomia das instituições brasileiras, especialmente das que utilizam esses processos de comunicação? Como podemos ir de encontro a essas questões, sobretudo quando falamos de comunicação em contextos organizacionais, como é que podemos trabalhar no sentido de alertar e combater esse tipo de colonialismo?

Sérgio Amadeu: A primeira coisa é desmistificar a tecnologia e mostrar que a tecnologia é uma das maiores expressões culturais de uma população, de uma sociedade. Todos os tempos, todos os povos criam tecnologias e nós estamos sendo impedidos de criar tecnologias com a nossa cultura que é muito viva, que é muito criativa. A gente usa as tecnologias californianas como se elas fossem as únicas possíveis. A gente usa os arranjos americanófilos, que são a

expressão de uma cultura, uma cultura que busca o seu poder a partir da atração das pessoas para determinados tipos de atividades ou de dispositivos. Ocorre que o Brasil, e outros tantos países, têm uma cultura que não está sendo expressa em tecnologia. Então, uma das primeiras coisas que a gente precisa mostrar é que a tecnologia não pode continuar sendo tratada do modo como é, onde a alienação do trabalho se soma a uma alienação técnica.

Isaura Mourão Generoso: Pode discorrer um pouco mais sobre isso?

Sérgio Amadeu: Para explicar essa alienação técnica, novamente, vou recorrer à empiria. Por exemplo, a gente discute com amigos, com família sobre Sociologia, Economia ou até mesmo sobre novela ou esporte, mas, tecnologia a gente só compra no mercado, não discute. É uma questão técnica que está e não está apartada. Nem toda a tecnologia é mediadora de relações sociais. Hoje nós temos uma empresa como o Grupo Meta que tem quase quatro bilhões de usuários no mundo e nenhuma empresa, em nenhum momento da história já teve essa capacidade, esse poder descomunal, como tem o grupo *Alphabet*, que é a *holding* do Google. Nesse sentido é preciso, primeiro desmistificar a ideia das tecnologias e mostrar que elas são modos de organizar a nossa vida. A tecnologia não determina a sociedade, mas a molda.

Vamos refletir, as cidades são reorganizadas com a tecnologia como aconteceu a partir do automóvel, por exemplo. Hoje, no mundo das tecnologias digitais, procedimentos e subjetividades são modulados por essas tecnologias. Muitas vezes, são mais que modulados. As crianças e os adolescentes estão numa linha individualista por causa dos aparelhos. Esses aparelhos são de individualização, que privilegia o indivíduo e uma subjetividade cada vez mais levada a ser dominada por um espetáculo, tornando as pessoas passivas no digital, uma passividade que é da subjetividade e não da ação. Estamos atuando o tempo todo, mas cada vez mais envoltos e dominados pela lógica dos algoritmos que estão criando quase que uma moldura cognitiva para coisas muito rápidas, muito superficiais e pouco profundas. Então, as pessoas vão reduzindo sua capacidade de gosto e de diversidade. Isso corrobora, por incrível que pareça, com o grande projeto do neofascismo, que usa muito a tecnologia para individualizar, para viciar, para deixar a pessoa presa num eterno rolar de imagens.

Polyana Inácio: Gostaria de retomar esse ponto de desmistificar a tecnologia, e diante desse cenário tão complexo que você define tão bem, como é que a gente pode pensar e localizar ações de resistência? Como fica a cultura *hacker* nesse lugar? Se não queremos discutir tecnologia, se queremos entender que a gente cria a nossa realidade e que isso tem um potencial político, onde estão essas ações de resistência?

Sérgio Amadeu: Quero dizer, primeiro, que a cultura *hacker* é a ideia de que o conhecimento tem que ser livre e que a liberdade se obtém com conhecimento. Então a maior parte dos *hackers* está nas comunidades de *software* livre. Eles abrem o código, mas essa disputa também se dá com o neofascismo. Boa parte dos *hackers* dos Estados Unidos foi levada a se organizar em torno de um ideal de liberdade que é sinônimo de violência, pois grande parte dos desenvolvedores passou a acreditar que a liberdade é um elemento exclusivamente individual e não é. A palavra liberdade só faz sentido em sociedade, do contrário, nem se colocaria essa questão. Então, na sociedade, nossa ideia de liberdade é uma ideia de liberdade democrática, que é a ideia de que se eu tenho liberdade, você também tem. Portanto, temos que negociar as liberdades. E para esses libertários, para a extrema direita americana, liberdade é poder aplicar a sua força, a força sem nenhum parâmetro do Estado, das regras e que, portanto, é muito parecido com violência.

No Brasil, a gente tem uma comunidade *hacker* muito ativa, muitos grupos tentando resistir com tecnologia. Tem a Casa de Cultura Tainã, o primeiro quilombo urbano a trabalhar tecnologia de uma maneira exemplar, em Campinas (SP); tem um movimento que defende os direitos sociais; tem agora a rede de soberania digital e, no Rio Grande do Sul, a tentativa de fazer o primeiro nó de uma infraestrutura federada de IAG, com baixo impacto ambiental e que não seja feita como as *Big Techs*, organizada pelo Sindicato dos Bancários de Porto Alegre; além de outras experiências do Núcleo de Tecnologia do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), que tem trabalhado a tentativa de utilizar a tecnologia não em função do mercado, mas dos movimentos sociais. Então, existe resistência, existe uma cultura *hacker* vibrante e existe a captura também.

Não é minha área, mas acompanho muito o embate na guerra do Irã, um embate comunicacional, ela é sempre uma guerra de comunicação, de narrativas. Eu imaginava que o Irã seria trucidado nessa guerra comunicacional, mas ele liquidou os Estados Unidos nas redes sociais porque foi mais bem humorado, mostrou que compreende a cultura do outro, fez várias peças em Lego para fugir das censuras dos algoritmos. Fez, com os bonequinhos de Lego, mil coisas para mostrar que eles têm uma sociedade que têm suas crenças, mas também capacidade tecnológica e comunicacional. A capacidade comunicacional que o Irã teve e está desenvolvendo é impressionante.

Isaura Mourão Generoso: Quando dependemos das plataformas, sobretudo estrangeiras como é o nosso caso, a gente também pode ter uma relação com as lógicas de precarização do trabalho, o que acaba estimulando a "automação" do pensamento, da linguagem, da consciência reflexiva, questões que você abordou. Como seria o impacto disso no cotidiano, sobretudo dos profissionais de comunicação, quando estamos falando dos profissionais que trabalham em organizações? Temos cada vez mais a necessidade de trabalhar a comunicação para além da informação, considerando a interação das organizações com diferentes públicos, sejam eles individuais ou coletivos. Como isso impacta no trabalho dos profissionais de comunicação? Como você percebe isso?

Sérgio Amadeu: É muito interessante essa questão porque, em geral, quando se fala em inteligência artificial realmente existente ou ficcional, não importa, as pessoas falam: "Mas não cabe classe social, não cabe trabalho... tudo é universal, é tudo igual...", mas não é. Não se conseguiria, por exemplo, criar um conjunto numeroso de trabalhadores de aplicativos precarizadíssimos sem a gestão algorítmica de uma rede neural artificial, que é a inteligência artificial. Você não conseguiria fazer o RAP, o Uber funcionar. E essas empresas criaram uma massa de trabalhadores que não existia por causa do capitalismo, da pressa, da produtividade. Então, hoje se criou um costume muito claro de pedir tudo por aplicativo. E quem vai te entregar? Um trabalhador precarizado que não tem férias, não tem 13°, não tem seguro saúde, não tem direito, não tem nada. E parte desses trabalhadores é convencida de que isso é bom. Esses sistemas automatizados fazem os profissionais trabalhar mais e ganhar a mesma coisa ou menos.

Na área de comunicação está acontecendo isso. Então, aquele texto básico que o jornalista traduzia da *Reuters*, ele passa a fazer com o chat GPT, e vai fazer 500 por dia ou sei lá quantos. Assim se reduz a necessidade de trabalhadores para funções cognitivas básicas, porque elas foram incorporadas por esse sistema automatizado, ao mesmo tempo em que o capitalismo não quer gastar dinheiro com aquilo que é essência, por exemplo, do jornalismo, que é a reportagem. Cada vez mais esses grandes jornais não têm reportagem e nada substitui a reportagem.

Um modelo de linguagem não faz reportagem. O modelo de linguagem resolve tudo dentro dele próprio e dentro do que foi treinado.

Mas olha o paradoxo, o fato de um escritório de advocacia agora poder fazer petições automatizadas, em vez de fazer uma petição a cada dois dias, faz inúmeras no único dia. Mas será que ele está tendo mais clientes? Será que ele está vendendo mais? Não está. Aí, quando você aumenta determinada produtividade e não aumenta a venda, você tem precarização e desemprego. É o que está acontecendo. Então vai ter um ajuste e isso não quer dizer que vão acabar os sistemas automatizados que a gente chama de IA, mas que eles vão se acertar, vão ter que se ater e cair mais na realidade do seu emprego, dos seus efeitos.

Isaura Mourão Generoso: Gostaria de fazer uma última pergunta antes de encerrar, como você enxerga o papel da pesquisa acadêmica em comunicação e, em especial da comunicação em contextos organizacionais, no sentido de desnaturalizar os discursos de inevitabilidade tecnológica que as grandes corporações nos impõem?

Sérgio Amadeu: É muito difícil ter uma resposta a isso, porque o discurso da inevitabilidade tecnológica é crucial para a venda de produtos e serviços no capitalismo. Então, é muito difícil a gente ter um antídoto a uma lógica de vendas, que é o que faz com que o capitalismo fique de pé. O capitalismo não consegue parar de vender porque senão ele despenca, ele desaba. O tempo todo tem que vender, o tempo todo tem que produzir. Aí você fala: "mas não é assim que funciona". Claro que não é assim que funciona, mas eles dizem: "Todo mundo quer crescer indefinidamente". Mentira. A natureza é cíclica. Tem o dia, a noite, o sol, uma hora vai virar uma supernova e vai explodir. Tudo tem começo, meio e fim. Tudo está regido pela segunda lei da entropia no universo. A segunda lei da termodinâmica, que é o princípio da entropia. Mas na verdade o capitalismo fala: "Não, eu vou crescendo indefinidamente, não tem aquecimento global, não tem crise climática, não tem um carro para cada chinês... Você explode o planeta! Já tem até uma piada que fala que para chegar à inteligência artificial geral, não essa específica que já consome uma energia brutal, que precisa de mais de cem *data centers* de hiperescala no planeta, mas para atingir a inteligência artificial geral, é melhor a humanidade parar de tomar água, porque a gente tem que usar água para refrigerar as máquinas dos *data centers*. Então, tem até piadas sendo contadas porque, na verdade, a gente não conseguiu uma outra lógica. Mas essa ideia de crescimento infinito não existe. E sem uma outra lógica não tem saída. E tem resistência no capitalismo, a gente resiste, a gente vai para soberania alimentar, agroecologia, a gente vai para alternativas que vão pondo um limite no capitalismo, mas o capitalismo em si, é devorador, ele tritura, engole tudo e não para. É voraz em querer transformar tudo em capital e nem tudo pode ser capital. A gente vai para soberania alimentar, agroecologia, alternativas que vão colocando um limite no capitalismo, mas o capitalismo em si, é devorador.